

APRESENTAÇÃO – DOSSIÊ ARTE E MODA

Vanessa Beatriz Bortulucce¹

O Dossiê “Arte e Moda”, que integra a presente edição da revista Iara, colabora para a ampliação de um profícuo debate que se torna cada vez mais complexo: as relações entre arte e a moda.

Os textos apresentados no dossiê inserem-se nesta discussão, contribuindo para o enriquecimento das reflexões sobre este diálogo entre o fazer artístico e a moda. Acredito que um dos eixos do debate reside na metamorfose conceitual vivida por estas duas áreas. Se eu penso em moda como um fazer artístico, então moda é arte. Se eu, por outro lado, penso numa arte cada vez mais interativa, cada vez mais transitória, cada vez mais “usável” e acessível, posso chamá-la de moda? Um diálogo complexo, sem dúvida. E fascinante em decorrência desta complexidade. Fascinante, inesgotável, amplo: instiga sociólogos, antropólogos, historiadores, desenhistas, designers.... trata-se, enfim, de uma contínua reflexão sobre o novo. Estamos diante de espaço preñado de possibilidades de discussão de uma temática fundamental para o entendimento da arte e da moda contemporâneas, momento no qual a relação entre ambas ganha um novo impulso.

¹ Vanessa Beatriz Bortulucce é graduada em História (Unicamp, 1997), mestre em História da Arte e da Cultura (Unicamp, 2000) e doutora em História Social (Unicamp, 2005), onde desenvolveu pesquisas sobre o Futurismo italiano. Possui vários artigos sobre a vanguarda italiana e relações arte e política no século XX. Traduziu diversos manifestos futuristas e colaborou com várias obras sobre o tema. É autora do livro *A Arte dos Regimes Totalitários do Século XX – Rússia e Alemanha*, publicado em 2008 pela editora Annablume/FAPESP. Atualmente é docente do Centro Universitário Assunção, em São Paulo, onde ministra diversas disciplinas em vários cursos. <http://lattes.cnpq.br/3830507387183295>

O diálogo entre arte e moda é antigo. Artistas usaram a moda em suas obras, e também a moda usa a arte há muito tempo, mas de modos distintos dos de hoje. As categorias, as conceitualizações, eram muito rígidas: criar roupas e pintar quadros eram competências que refletiam um *zeitgeist*, mas eram, sempre, no final das contas, competências distintas. Não digo que hoje assistimos uma dissolução total dos limites entre arte e moda; mas estes limites estão mais permeáveis e maleáveis. A troca de experiências assumiu outro grau, intensificando as influências mútuas. Se não, vejamos: quando vou a um museu, vou com a intenção de observar um dado conjunto de obras; de repente, percebo-me observando as roupas dos visitantes, com o mesmo olhar que coloco numa pintura, numa instalação. Instigam-me as formas, as cores, o corte dos tecidos, o gesto das pessoas. Minha experiência artística explode no espaço, expande-se numa miríade perceptiva.

A práxis artística reorganizou-se, assim como as percepções, as associações, os entendimentos acerca da moda e da arte. Hoje a moda busca diretamente na estética da arte – tanto em seus aspectos formais quanto iconográficos – inspiração para seu processo de criação. Da mesma forma, a arte contemporânea se vale da moda para tornar-se mutante, interativa, customizada, aberta; uma arte que volta seu olhar não para galerias, mas para as calçadas. O interessante, moda e arte o sabem, está na rua: aliás, ruas e calçadas são os espaços democráticos por excelência, responsáveis pela simbiose arte-moda-arte: afinal, de onde vem o sucesso de *The Sartorialist*?

Durante muito tempo a assim chamada “grande arte” (pintura e escultura) foi o suporte mais clássico para as experiências com “moda”; esta última – entendida como “vestuário” – , para os pintores e escultores, reduzia-se a um acessório temático, a um recurso valioso para a tal da “reconstrução histórica” nas telas e mármores. Assim, posso maravilhar-me com as representações das roupas de reis, de senhoras abastadas, de ilustres personagens trazidos nas telas; posso atordoar-me na

representação do pano em mármore nas esculturas. A roupa é o código visual e social *par excellence*, símbolo de poder, veículo para tornar pública a virtuosidade do artista.

Hoje as relações entre arte e moda estão muito mais amplas. Moda e arte caminham juntas, pois ambas lidam com a sensibilidade, com a experiência sensorial, com o prazer da descoberta e da experimentação. Arte e moda sempre foram visões de mundo, e continuam tendo esta propriedade caleidoscópica de dialogar com a sociedade. Ambas estão cada vez mais interativas, e tal interação não se restringe às questões de pura visualidade; as duas abordam a complexidade dos comportamentos, o pensar, o “estar no mundo”. Elas estão, cada qual ao seu modo, desatreladas da idéia da pura funcionalidade, inserindo-se na experiência estética, no campo dos sentidos, na atitude individual que interpreta, absorvendo e transmitindo saberes múltiplos.

A arte da contemporaneidade imbuí-se de um caráter de vivência, de interatividade, e o mesmo ocorre com a moda. Não se veste mais uma “roupa”: veste-se – e cada vez mais pessoas têm consciência disto – uma idéia, veste-se uma opinião, veste-se “um estar no mundo”. Assim, a arte nunca foi tão “usável”, e a moda nunca foi tão “artística”. Elas estão inseridas na lógica da globalização, recriadas pela era da internet, do instantâneo, do transitório, conversando mais de perto com indivíduo anônimo, que – quem ainda não se deu conta disso? – é o responsável pela formação do gosto, pela democracia dos estilos, pela mistura de conceitos.

E por falar em conceitos, aquele de “espectador” talvez foi um dos que mais sofreram mudanças. A palavra “observação”, sozinha, não pode mais dar conta da experiência estética da arte. A arte passa por uma expansão conceitual, ao mesmo tempo em que a moda (faz tempo) não está mais confinada somente à roupa; o comportamento e a atitude humanos, decorrentes da interação corpo-roupa, saíram dos bastidores e hoje são freneticamente procurados pelos blogueiros, pelos consultores de estilo, pelos estilistas e pelo próprio público, que procuram captar, nas

ruas e nos locais mais inusitados, a atitude do cidadão anônimo que transforma o sentido da roupa, que repensa o vestir não somente pela alteração da matéria, mas subvertendo o uso das peças, alterando funções, desconstruindo regras.

Sendo assim, acredito que o presente dossiê contribui para a ampliação do debate acerca das relações arte-moda, impulsionando novas questões, estimulando pensares, por meio de seus instigantes estudos.

Agradeço a todos aqueles que colaboraram com mais este número da Revista Iara: os autores dos ensaios e os pareceristas convidados. Gostaria, especialmente, de agradecer a prof^a Maria Claudia Bonadio, pelo amável convite para coordenar este dossiê, e pela valiosa ajuda da Pollyana.

Desejo uma ótima leitura a todos.